

Proc. 6.120/81

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Pompéia

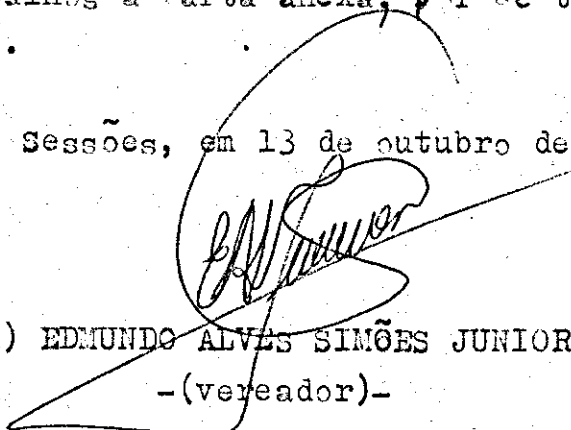
At. Leva-se
13-10-81

REQUERIMENTO

123/81

REQUEIRO, nos termos regimentais desta Casa seja lido e consignado em ata de nossos trabalhos a carta anexa, por se tratar de assunto de interesse de nossa cidade.

Sala das Sessões, em 13 de outubro de 1981:


a) EDMUNDO ALVES SIMÕES JUNIOR
-(vereador)-

Pompéia, 09 de outubro de 1981

Prezado amigo,
Edmundo Alves Simões Jr

Foi com muita indignação que tomei conhecimento do "projeto" que um tal deputado pretendia dar/ à EEPG de Pompéia o nome de "Dr Cunha Jr".

Admirei a coragem dos Professores / daquela escola em fazer um abaixo-assinado, demonstrando o / descontentamento e o repúdio do Corpo Docente e Administrativo, retratando sem dúvida nenhuma o pensamento do povo de / Pompéia, contra tal propositura.

Revoltado fiquei quando tal proje-
to se tornou Lei.

Otas, Senhor Vereador, o que significa tal nome para Pompéia ?

Será, meu Deus, que este abastado/
banqueiro tinha que ser imortalizado logo aqui em Pompéia ?

Será que em sua terra natal não /
houve espaço suficiente para tais honrarias ?

Ou será que se trata de um desco -
nhecido heroi nacional, que muito lutou pela nossa Educação?

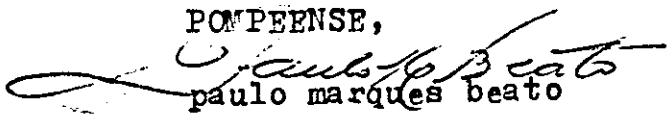
Desculpe-me, se estou sendo injus-
to, mas é que não vejo JUSTIÇA.

Chego acreditar que Flávio Rangel
tenha tomado conhecimento do nosso drama e por isso encaminho
a V.Excia o recorte do Jornal "Folha de São Paulo", do dia/
09/10/81, onde o extraordinário colunista escreveu "OS CAMI
NHOS DO POVO" (talvez o de Pompéia).

Por favor, leia este artigo na /
Tribuna da Câmara Municipal, é preciso que o Povo tome co -
nhhecimento agora e, futuramente, nossos filhos saibam que /
perdemos a luta, mas nunca fomos adeptos do "puxa-saquismo".

É só. Subscreve-me reiterando meu
respeito a todos os membros desta Casa.

Um abraço, do amigo
POMPEENSE,


paulo marques beato

Flávio Rangel

Os caminhos do povo

Quando morreu Otávio Guinle, um homem fino e educado, membro de uma família que se destacou pelo mecenato e pela filantropia, houve um movimento no Rio de Janeiro para dar seu nome à Av. Atlântica. Esta demonstração de puxa-saquismo foi fulminada pelo bom senso de uma jovem parenta morta, ao declarar sua certeza de que, apesar de seu tio ter sido um homem empreendedor e ter, entre outras coisas, erguido o Hotel Copacabana Palace, achava ela que o Oceano Atlântico merecia muito mais a homenagem de ter uma avenida que lhe fosse dedicada.

Deveria haver uma lei impedindo que fossem dados nomes de pessoas às vias públicas, pelo menos antes que se passassem cinquenta anos da morte dos homenageados. O Largo do Pelourinho, a Baixa do Sapateiro ou a Ladeira do Quebra-Bunda, na Bahia, são certamente nomes muito mais expressivos do que os dos falíveis seres humanos que lhes poderiam roubar as honras. Assim como a Rua das Rosas, na Vila Mariana, de São Paulo, ou a Rua das Marrecas no Rio de Janeiro, ou a Rua da Praia em Porto Alegre. Cinquenta anos depois, talvez um plebiscito confirmasse a decisão de trocar o nome da Avenida Central do Rio pelo de Avenida Rio Branco. Nosso chanceler já passou em julgamento e com certeza foi aprovado com distinção. Assim como apostado na grande viabilidade do nome de Juscelino Kubitschek para batizar praças, alamedas, avenidas e ruas no futuro, tenho minhas dúvidas a respeito de nomes mais recentes que se transformaram nos caminhos por onde o povo passa. Tenho minhas dúvidas porque... bom, deixa pra lá.

O ditador Antonio de Oliveira Salazar não teve a coragem de trocar o nome da avenida principal de Lisboa. Chamava-se e chama-se ainda Avenida da Liberdade, embora, durante todo o tempo em que oprimiu seu povo, o português se perguntasse quando tal avenida iria ser inaugurada. Foi inaugurada num certo dia 25 de abril, entre cravos vermelhos, música e alguns fogos.

O ditador Francisco de Franco y Bahamonde não teve a mesma manifestação de bom senso. Encheu a Espanha com seu nome nas principais avenidas. Ele que se dizia tão religioso, não hesitou em cometer o pecado da presunção. Devia considerar seu nome muito bonito de se escrever, porque obrigou a Espanha a lê-lo em tudo quanto é placa. E devia achá-lo também muito eufônico, porque aspirou ouvi-lo falado pelo espanhol, quando marcasse encontro nas suas esquinas, nos seus estádios de esporte, nos seus bosques milenares. Se lá na torre de marfim onde se escondeu, rosário na mão, provavelmente já apavorado com o julgamento de Deus e dos homens, se lá nessa torre lhe chegou um dia o rumor da voz do povo, não deve ter ficado contente. Onde quis ouvir "Franco", ouviu "Gran Vía", "Diagonal", "Calle Mayor", "Plaza de Tóros", "Paseo Público", "Parque de la Ciudad".

O que dá mais como nome de rua, depois de Franco, é José Antonio Primo de Rivera. Em Barcelona, essas duas criaturas rebatizaram a Diagonal e a Gran Vía. Não adiantou nada, porque o povo continua chamando-as como eram antes. A não ser quando quer fazer piada, caso em que marca encontro na Avenida del Defuncto ou então na Avenida del Cretino.

Assim, por Sevilha e por Granada, por Ciudad Real e por Toledo, por Madrid e por Valencia, a gente contempla o nome desses cavalheiros, junto com os de Sanjurjo, Mola, Queipo de Llana, Milan Astray. A mim, que amo a Espanha e que lhe estudei a guerra civil, esses nomes ainda hoje me arrepiam de medo, pois, eles gritaram "abaixo a inteligencia y viva la muerte", e destruíram, cidades, mandaram pessoas ao fuzilamento, à prisão, à tortura, ao exílio, ao banimento, e liquidaram tudo aquilo que o ser humano tem de mais belo e criativo.

Felizmente que a estátua de Dom Quijote y Sancho Panza está também espalhada por toda a Espanha, como uma sugestão de síntese entre a imaginação e o realismo. Mas é duro ver que um país que tem Cervantes e Lope de Vega, Goya e Velasquez, Calderon e Unamuno, não tenha em Malaga, cidade onde nasceu, a Avenida Pablo Picasso, ou, em Granada, onde morreu, o Bosque Federico Garcia Lorca. Na sua transição para a democracia, que aqui vai "progressiva y rapida", em vez de lenta e gradual, o espanhol está indo com cuidado. Mas em Barcelona, já trocaram o nome de um fascista pelo de Pablo Casals, ou, na grafia catalã, avenida Pau Casals.

Durante quarenta anos, Franco escreveu seu nome por todos os lugares, na ânsia de vê-lo fixado na memória de seu povo. Mas acho que, do ponto de vista da História, e usando uma imagem de Arthur Miller, escreveu seu próprio nome numa pedra de gelo, num quente dia de verão.

Em sua limpa, livre e juvenil análise das relações conflitantes entre Capuletos e Montecchios, Julieta pergunta a Romeu: "O que há num nome? Se a rosa não se chamasse rosa, seria menos perfumosa?" E nossa eterna namorada tem razão. Em nossa eterna namorada, ou talvez pelo que exale. Uma rosa, perfume. Um ditador, putrefação.